

FORMAÇÃO DE GRUPOS ESTRATÉGICOS DE BANCOS BRASILEIROS: UMA ANÁLISE LONGITUDINAL DO DESEMPENHO ECONÔMICO-FINANCEIRO ENTRE OS ANOS 2010 A 2012

Carolini Bonetti Genghini

Graduação em Engenharia de Produção. Aluna do Programa de Mestrado e Doutorado em Administração da PUCPR (PPAD). Empresária.
E-mail: carolbonetti2@hotmail.com

Jorge Harry Harzer

Mestre em Relações Econômicas e Sociais Internacionais. Doutorando em Administração. Professor e Coordenador do Curso de Administração. Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
E-mail: harzer@catolicasc.org.br

June Alisson Westarb Cruz

Doutor em Administração. Professor do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. PUC-PR..
E-mail: june.cruz@pucpr.br

Wesley Vieira da Silva

Doutor em Engenharia de Produção. Professor Titular da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Coordenador do Programa de Mestrado e Doutorado em Administração da PUCPR (PPAD).
E-mail: wesley.vieira@pucpr.br

Tomas Sparano Martins

Doutor em Administração. Professor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Coordenador do Programa de Mestrado e Doutorado em Administração da PUCPR (PPAD).
E-mail: tomas.martins@pucpr.br

Envio em: Novembro de 2013

Aceite em: Maio de 2014

Resumo: Diante de um mercado financeiro de alta performance, é essencial que as instituições financeiras tenham seu posicionamento estratégico focado na geração de vantagens competitivas, nesse sentido o presente trabalho tem como objetivo central identificar a existência de grupos estratégicos entre os bancos brasileiros, por meio de indicadores contábeis de desempenho econômico-financeiro com emprego da análise de agrupamento. A amostra é composta por 22 bancos, cujos indicadores foram extraídos da base de dados Economatica. O período de análise compreende o período de 2010 a 2012. Como método, os agrupamentos foram realizados em duas etapas: pelo método hierárquico, para determinar o número ideal de *clusters* e, pelo método não hierárquico. Como resultado, foi possível dividir os bancos em dois grupos sendo possível observar um comportamento padrão entre os bancos: aqueles que sempre estiveram no grupo 1, os que sempre estiveram no grupo 2 e aqueles bancos que se comportaram de forma aleatória

entre os grupos ao longo dos anos. Por fim, foi possível descrever o comportamento das organizações financeiras, bem como suas similaridades e tendências.

Palavras-Chave: Indicadores de Desempenho Financeiro. Bancos. Análise de Cluster.

BRAZILIAN BANKS STRATEGIC GROUPING: A LONGITUDINAL ANALYSIS OF FINANCIAL PERFORMANCE BETWEEN THE YEARS 2010 TO 2012

Abstract: Organizations facing a high performance financial market need to have their strategic positioning focused in generating competitive advantages. In this sense, the present paper aims at identifying the existence of strategic groups among Brazilian banks through the cluster analysis of accounting and financial performance indicators. The sample consists of 22 banks, whose indicators were extracted from the Economatica database. The analysis timeframe covers the period from 2010 to 2012. As a method, banks were grouped in two stages: the hierarchical method to determine the optimal number of clusters and then the non-hierarchical method. As a result, it was possible to divide banks into two groups, we could observe a pattern among those that were always were in group 1, those that were always in group 2 and those that behaved randomly between both groups over the years. Finally, it was possible to describe the behavior of these financial organizations as well as their similarities and trends.

Keywords: Financial Performance Indicators. Banks. Cluster Analysis.

1. INTRODUÇÃO

Muitos fatores influenciaram a estrutura dos bancos comerciais no mundo, entre eles guerras, crises econômicas, autoridade constitucional e liderança fiscal (REED e GILL, 1994). Enquanto Império, o Brasil espelhou seu modelo bancário no europeu, que foi caracterizado por Fortuna (2008) como excessivamente nobre e rígido. Um exemplo deste rigor era as gerências operacionais as quais obrigatoriamente deviam manter contato com os clientes, no entanto, se situavam no fundo das agências e mantinham suas portas trancadas.

Até metade do século XX as atividades básicas de um banco eram as operações de depósitos e empréstimos (descontos), outros serviços praticamente inexistiam. A partir dos anos 50 o potencial econômico brasileiro foi explodindo, os bancos se propagaram e com eles os primeiros sintomas de uma debilitada capacidade empresarial para administrá-los surgiu. Havia mais de 500 matrizes bancárias funcionando e para controlar o mercado monetário foi necessário criar a Inspeção Geral dos Bancos em 1920, decretar a Lei 7.293 conhecida como Sumoc (Superintendência da Moeda e do Crédito) em 1945 e solidificar o Sistema Financeiro Nacional em 1964, cuja estrutura perdura até o atual momento. O Sistema Financeiro Nacional é um conjunto de instituições que se dedicam, de alguma forma, ao trabalho de propiciar as condições satisfatórias para a manutenção de um fluxo de recursos entre poupadores e investidores (FORTUNA, 2008).

Neste contexto, o presente trabalho tem como objetivo central identificar a existência de grupos estratégicos entre os bancos brasileiros, por meio de indicadores contábeis de desempenho econômico-financeiro com emprego da análise de agrupamentos. Como *Proxy* para a análise, foram selecionados os indicadores anuais de estrutura e rentabilidade dos bancos brasileiros em atividade até dezembro de 2012. O período de análise compreende os anos de 2010, 2011 e 2012, analisados de forma longitudinal ano-a-ano e de forma agrupada entre os três anos. Esta última análise busca identificar a existência de um padrão no desempenho econômico-financeiro dos bancos, comparando aquelas instituições financeiras que sempre se mantiveram dentro de um mesmo agrupamento com o desempenho obtido por aquelas que se comportaram de forma aleatória entre os grupos.

O trabalho apresenta-se organizado em outras quatro seções além desta introdutória. A segunda seção descreve o referencial teórico que serve de sustentação para a pesquisa. Esta busca aprofundar os dois conceitos centrais do trabalho: grupos estratégicos e indicadores de desempenho econômico-financeiro. A terceira seção descreve a metodologia utilizada, com especial atenção aos procedimentos de coleta e tratamento dos dados. A quarta seção traz a apresentação e análise dos resultados e a última traz à tona as considerações finais do estudo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A presente abordagem teórica tem como objetivo central, sustentar teoricamente, as evidências empíricas apresentadas na presente pesquisa, diante de tal desafio, primeiramente apresenta-se alguns dos principais conceitos acerca da de Grupos Estratégicos e dos Indicadores de Desempenho Economicos e Financeiros.

2.1. GRUPOS ESTRATÉGICOS (GEs)

O conceito de grupos estratégicos surgiu, após vários estudos, com Hunt em 1972, que utilizou o conceito para identificar competidores e seus posicionamentos competitivos dentro das Indústrias. Com o objetivo de auxiliar a análise das diferenças na lucratividade entre as empresas no mesmo setor industrial (FIEGENBAUM; THOMAS, 1993) os GEs buscam ser úteis na caracterização da estrutura das ameaças e oportunidades pertinentes à atuação estratégica das empresas em determinada indústria (BARNEY, 1998), além de analisar a estrutura da competição específica do grupo, verificando sua atratividade dentro e entre grupos.

Segundo Porter (1979; 1980) a expressão grupo estratégico denota a semelhança de operações relacionadas às características e estratégias entre as empresas, como: variáveis de marketing, qualidade, tecnologia, integração, custos, poder financeiro e operacional, relações com a empresa-mãe e governo local dentre outras. Além disso, os estudos sobre os GEs reforçam a análise da Indústria como um todo no intuito de compreender o que ocorre em determinado setor (PORTER, 1979; GLUCK, 1986; RUMELT, 1991; GHEMAWAT, 2002; PALEPU et al., 2004). Visto isso, abaixo segue três maneiras de determinar os critérios pelos quais as empresas se agrupam.

- a) Tang e Thomas (1992) caracterizaram o agrupamento através do princípio de diferenciação mínima tanto nos produtos quanto na estratégia.
- b) McGee e Thomas (1986) definiram as principais abordagens para verificar a existência de Grupos Estratégicos, são elas: diferenças de linhas de produtos, grau de integração vertical, tamanho da firma, razão entre propaganda e média das vendas, grupo de clientes servidos, entre outras.
- c) Fiegenbaum e Thomas (1993) definiram os grupos estratégicos de acordo com a semelhança das empresas em relação à estrutura de custo, grau de diversificação de produtos, organização formal, sistemas de controle, gerenciamento de recompensas e punições e visões pessoais e preferências para possíveis resultados.

É importante ressaltar que as semelhanças necessárias para caracterização das indústrias pertencentes a um GE não garantem um desempenho semelhante, afinal as dimensões estratégicas desenhadas pelo grupo estratégico capta as diferenças possíveis entre as opções estratégicas das empresas que o compõem, como: especialização, identificação de marcas, política de canal, seleção do canal, qualidade do produto, liderança tecnológica, integração vertical, posição de custo, atendimento, política de preço, alavancagem, relacionamento com a matriz e relacionamento com os governos do país de origem e anfitriões (PORTER, 1980). Desta forma, o grupo estratégico é um recurso analítico desenhado para ajudar em análise estrutural, pois trata de uma referência intermediária entre olhar a indústria como um todo e considerar cada firma separadamente.

2.2. INDICADORES DE DESEMPENHO ECONÔMICO-FINANCEIRO

A ideia de mensurar o desempenho é ampla e está diretamente associada com as estratégias adotadas pela organização, de forma a verificar se elas estão contribuindo para criar vantagem competitiva. Avaliar desempenho permite que a organização realize uma comparação entre os resultados planejados e os resultados realizados. De acordo com Azeredo, Souza e Machado (2009) é comum a utilização de padrões preestabelecidos, sejam eles de natureza financeira e/ou não-financeira. Resultados satisfatórios fazem com que os recursos continuem disponíveis, do contrário, os acionistas podem procurar alternativas de retorno (MARTINS et al., 2010). Para Barney (2001) existem três possibilidades de desempenho: superior, quando os resultados alcançados são superiores ao previsto; normal, quando equivale ao que era esperado; e, inferior, quando se alcança um resultado abaixo do esperado.

Mensurar o desempenho trata-se de um conceito multidimensional, motivo pelo qual Cool e Schendel (1998) sugerem o uso de múltiplos indicadores para se obter uma avaliação consistente. A forma mais tradicional de mensurar o desempenho econômico-financeiro parte da contabilidade por meio do cálculo dos indicadores extraídos das demonstrações contábeis. Existe uma vasta literatura que trata de análise das demonstrações contábeis que, de forma geral, dividem os índices em: índice de liquidez, sendo o emprego do índice de liquidez corrente o mais usual; índice de atividade, calculados por meio de giro ou prazos médios, sendo que os acionistas apresentam uma predileção em relação ao giro do ativo e giro do patrimônio líquido; índices de endividamento, que pode ser calculado pelo endividamento sobre o patrimônio líquido ou sobre o total do ativo; índices de rentabilidade, envolvendo tanto os indicadores de margem, medidos pela relação entre os diversos níveis de resultado sobre as receitas totais, como os indicadores de retorno, sendo os mais tradicionais o retorno sobre o patrimônio líquido (ROE) e o retorno sobre os investimentos (ROI) medido pelo total do ativo; e, índices de mercado, envolvendo a relação entre os dividendos sobre os lucros, como lucro por ação (CRUZ et al., 2012).

Uma análise financeira é significativa quando é possível estabelecer alguns padrões com os quais os índices de uma empresa podem ser comparados, de forma a determinar o quanto essa empresa está em relação aos seus concorrentes, ao seu setor industrial, ou em relação à melhor empresa do setor (GROPPELLI; NIKBAKHT, 2010). De acordo com Groppelli e Nikbakht (2010), em geral se emprega três abordagens principais na análise desses índices: 1) análise do grupo representativo, que compara os índices de uma determinada data em relação aos de outras companhias ou aos índices do setor; 2) análise de séries temporais, que permite traçar uma tendência dos índices no decorrer do tempo e analisar a melhora ou a deterioração do desempenho da empresa ao longo do tempo; e, 3) análise comparativa, que se refere ao estudo dos índices ao longo de um período de tempo de uma empresa comparados com os do setor ou com os de outras empresas.

3. METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como descritivo quanto aos objetivos. Para Andrade (2010, p. 112) na pesquisa descritiva, “os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira neles”. Trata-se de uma pesquisa quantitativa quanto aos procedimentos técnicos de análise, pois se utiliza da modelagem matemática para solução e análise dos resultados.

Foi realizado com base em uma amostra inicial intencional composta por 49 bancos brasileiros listados na base de dados Economática, contendo indicadores contábeis anuais para o período de dezembro de 1994 a dezembro de 2012. Optou-se em coletar os dados dentro de um período de tempo que abrangesse o maior número possível de instituições financeiras ativas até dezembro de 2012. Dessa forma, dos 49 bancos listados na base de dados inicial, 27 foram excluídos da amostra por não estarem ativos em dezembro de 2012 ou por não conter todos os indicadores selecionados para o estudo, restando 22 bancos cujos indicadores anuais compreendem o período de dezembro de 2010 a dezembro de 2012.

Os indicadores selecionados para o estudo dividem-se em dois blocos: estrutura de capital e de rentabilidade. Os indicadores de estrutura de capital englobam: 1) endividamento geral medido sobre o ativo total – EX/AT; 2) endividamento geral medido sobre o patrimônio líquido – EX/PL; e, 3) grau de imobilização do capital próprio – AF/PL, medido pelo valor do ativo fixo sobre o patrimônio líquido. Os indicadores de rentabilidade são: 4) giro do ativo – G_AT; 5) giro do patrimônio líquido – G_PL; 6) margem bruta – MB; 7) margem líquida – ML; 8) rentabilidade do ativo – RE_AT; e, 9) rentabilidade do patrimônio líquido – RE_PL.

Os dados foram tratados por meio da análise de conglomerados (análise de *cluster*), que consiste em uma técnica estatística de interdependência que procura agrupar os elementos conforme sua estrutura natural em função do grau de similaridade entre os indivíduos, a partir de variáveis predeterminadas (FÁVERO et al., 2009). A análise de conglomerados se divide basicamente nas seguintes etapas (FÁVERO et al., 2009): 1) análise das variáveis e dos objetos a serem agrupados; 2) seleção da medida de distância ou semelhança entre as variáveis; 3) seleção do algoritmo de agrupamento: método hierárquico ou não-hierárquico; 4) escolha da quantidade de agrupamentos formados; e, 5) interpretação e validação dos agrupamentos escolhidos. Os testes foram feitos com uso do software estatístico SPSS versão 19.

Em análise de agrupamentos, a utilização de variáveis com naturezas distintas pode prejudicar a estrutura dos agrupamentos, requerendo que as variáveis originais envolvidas no estudo sejam padronizadas. Para Fávero *et al.* (2009) a forma mais utilizada de padronização das variáveis é transformá-las em escore Z (*Z scores*). O escore Z elimina o viés da diferença de escala de forma que cada variável apresente média zero e desvio padrão igual a um.

A análise de agrupamento foi elaborada em duas etapas de forma complementar, englobando os métodos hierárquico e não-hierárquico. O método hierárquico foi utilizado de forma exploratória por não requer que se estabeleça, *a priori*, o número de *clusters* que melhor represente as características dos bancos estudados. A partir da quantidade de agrupamentos apontados pelo método hierárquico, foi empregado o método não-hierárquico de forma a melhorar a solução final.

Para que os agrupamentos não se apresentem de forma discrepante entre os dois métodos, a análise hierárquica foi realizada com emprego da medida de distância euclidiana e o método de agrupamento *Ward*. Definido a quantidade de agrupamentos pelo método hierárquico, foi empregado o método não-hierárquico *K-means*. Este método produz apenas uma solução, sendo a melhor para o número de conglomerados definido previamente (FÁVERO et al., 2009). O processo do método não-hierárquico *K-means* é composto de três passos: 1) partição inicial em *K clusters*; 2) cálculo dos centroides pela distância euclidiana para cada um dos *K clusters*; e, 3) agrupar os sujeitos aos *K clusters* cujos centroides se encontram mais próximos. O método *K-means* visa minimizar a variância interna entre os elementos nos grupos e maximizar a variância entre os grupos (FÁVERO et al., 2009).

O estudo foi realizado de forma longitudinal sendo analisado cada ano de forma separada. Após a análise individual ano-a-ano, buscou-se identificar um padrão de comportamento entre os bancos. Estabelecido este padrão, foi realizada uma análise do desempenho das instituições financeiras que sempre se apresentaram agrupadas dentro de um mesmo *cluster*, bem como o desempenho daqueles bancos que a cada ano foram agrupados de forma aleatória em um *cluster* diferente. Esta última etapa de análise foi realizada por meio da análise descritiva de médias.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Por se tratar de indicadores econômico-financeiros em diferentes escalas, todos os valores foram transformados em escore Z e as análises de conglomerados foram calculadas com base nesses valores padronizados. Preliminarmente, para cada um dos três anos escolhidos para o estudo, os bancos foram agrupados pela análise de conglomerados hierárquica. Optou-se por adotar o método aglomerativo hierárquico como uma técnica exploratória, por não se ter ideia de quantos *clusters* seria ideal para o estudo. Para todos os anos, o coeficiente do processo aglomerativo apontou pela existência de dois grupos de bancos. Fixado o número de *clusters*, a etapa seguinte consistiu em realizar a análise de agrupamento pelo método não hierárquico, de forma a obter uma melhora nos resultados dos grupos. Na sequência serão relatados os resultados encontrados por este método aglomerativo.

Para o ano de 2010, o grupo 1 ficou com oito bancos e o grupo 2 com 14 bancos, conforme demonstra o Quadro 1.

Quadro 1 – Resultado dos agrupamentos para o ano 2010.

Grupo 1	Grupo 2
1 – ABC Brasil	3 – Alfa Investimentos
2 – Alfa Financeiro	5 – Banese
4 – Amazônia	6 – Banestes
13 – Daycoval	7 – Banpará
14 – Finansinos	8 – Banrisul
18 – Mercantil Financeiro	9 – Bic Banco
20 – Banco Paraná	10 – Bradesco
22 – Santander	11 – Banco do Brasil
	12 – BRB Banco
	15 – Indusval
	16 – Itaú/Unibanco
	17 – Mercantil do Brasil
	19 – Nord Brasil
	21 – Pine

Fonte: Autores, 2013.

Três indicadores foram os que mais contribuíram para a formação desses grupos: Exigível Total sobre os Ativos ($p < 0,01$), Exigível Total sobre o Patrimônio Líquido ($p < 0,001$) e Giro do Patrimônio Líquido ($p < 0,01$). Outros dois indicadores também contribuíram, em-

bora menos expressivos: Imobilização do Capital Próprio ($p < 0,05$) e Rentabilidade sobre o Patrimônio Líquido ($p < 0,05$).

No ano de 2010, os bancos do grupo 1 apresentaram os menores índices de endividamento e os menores giro do patrimônio líquido. O menor endividamento foi do banco 14-Finansinos (EX/AT = 28,1% e EX/PL = 39,0%). O Banco Finansinos S/A é um banco regional com sede na cidade de Novo Hamburgo-RS que atua no segmento de crédito de consumo, capital de giro, crédito pessoal e consignado e desconto de títulos (FINANSINOS, 2013). O foco nesse segmento justifica seu baixo grau de endividamento. Analisando seu Balanço Patrimonial referente ao ano de 2010, foi constatado um endividamento de R\$ 7.124 mil, sendo que o valor mais representativo está no passivo circulante na conta Recursos de Aceites Cambiais (R\$ 4.958 mil, 69,6%). Seu ativo totaliza R\$ 25.384 mil, sendo que a conta Operações de Crédito representa 55,2% desse valor (R\$ 14.022 mil). O banco Finansinos também registrou o menor giro do patrimônio líquido entre os bancos no ano de 2010 (0,34 vezes), a menor margem líquida (7,3%) e, por consequência, o menor retorno sobre o patrimônio líquido (2,4%).

O maior endividamento do grupo 1 no ano de 2010 foi do banco ABC Brasil (EX/AT = 85,8% e EX/PL = 603,3%). O Banco ABC Brasil é um banco múltiplo, especializado na concessão de crédito e serviços para empresas de médio a grande porte, habilitado a operar nas carteiras Comercial, de Investimentos, Financeira, Crédito Imobiliário e Câmbio (BANCO ABC, 2013). O Balanço Patrimonial de 2010 (divulgado no Earning Release 4.Tr) registra um endividamento de R\$ 8.449,33 mil, representado basicamente pelas contas Depósitos no Passivo Circulante (R\$ 2.936,41 mil, 34,8%) e Obrigações por Repasses do País – Instituições Oficiais (R\$ 2.386,73 mil, 28,2%), contra um Ativo total de R\$ 9.816,89 mil (a conta mais representativa é Operações de Crédito, R\$ 7.040,61 mil, 71,7%) e um Patrimônio Líquido de R\$ 1.347,92 mil. A Tabela 1 faz um comparativo entre os valores máximo e mínimo dentro de cada grupo e entre os dois grupos.

Tabela 1 – Valores dos indicadores apurados para os Agrupamentos de 2010.

Estrutura							
Clusters 2010		EX/AT*		EX/PL*		AF/PL**	
		%	Var./ Mediana	%	Var./ Mediana	%	Var./ Mediana
1	N	8		8		8	
	Mediana	78,0		354,8		1,6	
	Amplitude	57,7		564,3		7,5	
	Mínimo	28,1	-64,0%	39,0	-89,0%	0,1	-91,3%
	Máximo	85,8	10,0%	603,3	70,0%	7,6	374,1%
2	N	14		14		14	
	Mediana	90,6		967,6		7,1	
	Amplitude	7,7		1019,6		25,0	
	Mínimo	86,6	-4,4%	646,6	-33,2%	0,3	-95,2%
	Máximo	94,3	4,1%	1666,2	72,2%	25,3	255,2%

Rentabilidade													
Clusters 2010		G_AT		G_PL *		MB		ML		RE_AT		RE_PL **	
		n	Var./ Mediana	n	Var./ Mediana	%	Var./ Mediana	%	Var./ Mediana	%	Var./ Mediana	%	Var./ Mediana
1	N	8		8		8		8		8		8	
	Mediana	0,1		0,5		51,8		19,0		2,1		12,3	
	Amplitude	0,2		0,4		35,2		32,4		5,6		17,1	
	Mínimo	0,1	-28,6%	0,3	-36,4%	38,9	-25,0%	7,3	-61,7%	1,7	-18,4%	2,4	-80,5%
	Máximo	0,3	78,6%	0,7	38,3%	74,0	42,8%	39,6	108,9%	7,2	251,5%	19,5	58,7%
2	N	14		14		14		14		14		14	
	Mediana	0,1		1,3		49,5		14,4		1,7		19,4	
	Amplitude	0,1		2,4		52,3		19,4		2,7		28,9	
	Mínimo	0,1	-44,0%	0,8	-38,9%	21,5	-56,7%	5,1	-64,6%	0,8	-53,6%	5,8	-70,0%
	Máximo	0,2	60,0%	3,2	150,0%	73,8	49,0%	24,5	70,6%	3,5	104,6%	34,7	78,8%
* Significativo p < 0,01													
** Significativo p < 0,05													

Fonte: os autores, 2013.

Ao analisar os balanços patrimoniais desses dois bancos é possível verificar as grandes diferenças entre os valores apresentados. O Banco Finansinos não possui em seu passivo a conta Depósitos, pelo fato de não oferecer aos seus clientes a opção de conta corrente e aplicações financeiras. Seu foco é exclusivo na linha de concessão de créditos. O Banco ABC Brasil também atua nesse segmento, mas também possui serviços de conta corrente e aplicações financeiras.

O grupo 2 de 2010 é caracterizado pelos bancos com maior índice de endividamento e maior giro do patrimônio líquido. O banco que obteve o maior índice de endividamento sobre o Ativo (94,3%), maior endividamento sobre o Patrimônio Líquido (1.666,2%) e maior giro do Patrimônio Líquido (3,2 vezes) foi o Banco Mercantil do Brasil. Tais valores refletem uma dispersão de 4,1%, 72,2% e 150,0%, respectivamente, sobre as medianas do grupo.

Em 2011 o grupo 1 ficou formado por apenas quatro bancos, enquanto o grupo 2 agrupou os outros 18 bancos, conforme demonstra o quadro 2. As variáveis que mais contribuíram para a formação dos grupos foram: exigível total sobre o Ativo Total ($p < 0,001$), exigível total sobre o Patrimônio Líquido ($p < 0,01$), giro sobre o Ativo ($p < 0,01$), margem bruta ($p < 0,01$) e rentabilidade sobre o Ativo ($p < 0,01$). A variável margem líquida também contribuiu, embora de forma menos expressiva ($p < 0,05$).

Quadro 2: Resultado dos agrupamentos para o ano 2011.

Grupo 1	Grupo 2
7 – Banpará 14 – Finansinos 18 – Mercantil Financeiro 20 – Banco Paraná	1 – ABC Brasil 2 – Alfa Financeiro 3 – Alfa Investimentos 4 – Amazônia 5 – Banese 6 – Banestes 8 – Banrisul 9 – Bic Banco 10 – Bradesco 11 – Banco do Brasil 12 – BRB Banco 13 – Daycoval 15 – Indusval 16 – Itaú/Unibanco 17 – Mercantil do Brasil 19 – Nord Brasil 21 – Pine 22 – Santander

Fonte: Autores, 2013.

Da mesma forma como 2010, o grupo 1 é caracterizado pelos bancos com os menores endividamento e menores giro sobre o Patrimônio Líquido. A Tabela 2 demonstra os valores dos grupos para o ano 2011.

Tabela 2: Valores dos indicadores apurados para os Agrupamentos de 2011.

Estrutura							
Clusters 2011		EX/AT*		EX/PL *		AF/PL	
		%	Var./ Mediana	%	Var./ Mediana	%	Var./ Mediana
1	N	4		4		4	
	Mediana	61,2		166,1		4,2	
	Amplitude	61,9		601,8		11,6	
	Mínimo	24,5	-59,9%	32,5	-80,5%	0,1	-97,9%
	Máximo	86,4	41,2%	634,3	281,8%	11,7	177,6%
2	N	18		18		18	
	Mediana	89,3		834,6		4,9	
	Amplitude	14,1		1300,8		29,0	
	Mínimo	80,4	-9,9%	410,4	-50,8%	0,3	-93,5%
	Máximo	94,5	5,8%	1711,2	105,0%	29,3	494,5%

Rentabilidade													
Clusters 2011		G_AT*		G_PL		MB*		ML**		RE_AT*		RE_PL	
		n	Var./ Mediana	n	Var./ Mediana	%	Var./ Mediana	%	Var./ Mediana	%	Var./ Mediana	%	Var./ Mediana
1	N	4		4		4		4		4		4	
	Mediana	0,2		0,44		59,0		19,9		3,8		21,5	
	Amplitude	0,1		1,1		33,1		57,2		7,9		34,8	
	Mínimo	0,2	-15,8%	0,35	-20,5%	47,5	-19,6%	9,9	-50,5%	2,6	-32,2%	3,3	-84,5%
	Máximo	0,3	36,8%	1,5	231,8%	80,6	36,5%	67,0	236,3%	10,5	176,8%	38,2	77,8%
2	N	18		18		18		18		18		18	
	Mediana	0,1		1,3		38,9		12,7		1,6		14,4	
	Amplitude	0,1		3,2		47,0		28,5		4,1		43,3	
	Mínimo	0,1	-46,2%	0,5	-61,4%	10,5	-72,9%	-4,1	-132,0%	-0,7	-144,5%	-5,7	-139,3%
	Máximo	0,2	53,8%	3,7	184,2%	57,6	48,1%	24,4	92,6%	3,4	114,4%	37,7	160,7%
* Significativo p < 0,01													
** Significativo p < 0,05													

Fonte: Autores, 2013.

Novamente em 2011 o Banco Finansinos foi o que apresentou o menor índice de endividamento ($EX/AT = 24,5\%$ e $EX/PL = 32,5\%$) e o menor giro sobre o Patrimônio Líquido (0,4 vezes). Tais índices representam uma dispersão de 59,9% abaixo do grupo para a variável EX/AT (Mediana = 61,2%), 80,5% abaixo para a variável EX/PL (Mediana = 166,1%) e 20,5% abaixo para a variável G_PL (Mediana = 0,44). O banco Paraná obteve o melhor desempenho do grupo 1 nos indicadores margem líquida (67,0%) e rentabilidade sobre o Ativo (10,5%), o que representa uma dispersão de 236,3% acima da margem líquida do grupo (Mediana = 19,9%) e de 176,8% acima da rentabilidade sobre o Ativo (Mediana = 3,8%).

Novamente em 2011 o Banco Mercantil do Brasil (Grupo 2) foi o que apresentou os maiores índices de endividamento ($EX/AT = 94,5\%$ e $EX/PL = 1.711,2\%$), representando uma dispersão de 5,8% acima do grupo para a variável EX/AT (Mediana = 89,3%) e de 105,0% acima para a variável EX/PL (Mediana = 834,6%). E, embora esse banco tenha atingido o maior giro sobre o patrimônio líquido (3,7%) com uma amplitude de 184,2% acima do grupo (Mediana = 1,3 vezes), tal fato não resultou em melhor rentabilidade. Sua margem, líquida foi de apenas 3% e a rentabilidade sobre o ativo de 0,6%, ficando em penúltimo lugar entre os 22 bancos analisados.

As piores taxas de retorno do ano de 2011 ficaram com o banco Indusval. A margem bruta foi de 10,5%, 72,9% abaixo da mediana do grupo 2 (38,9%) e a margem líquida foi 4,1% negativa, 132,0% abaixo do grupo (Mediana = 12,7%). O retorno sobre o Ativo foi de 0,7% negativo, ficando 144,5% abaixo do grupo (Mediana = 1,6%) e o retorno sobre o Patrimônio Líquido de 5,7% negativo foi 139,3% abaixo do grupo (Mediana = 14,4%).

Em 2012 o grupo 1 também ficou formado por apenas quatro bancos, mas com uma composição um pouco diferente em relação ao ano anterior. O Banco Banparaná passou para o grupo 2 e o Banco Daycoval entrou em seu lugar, conforme demonstra o Quadro 3.

Quadro 3: Resultado dos agrupamentos para o ano 2012.

Grupo 1	Grupo 2
13 – Daycoval 14 – Finansinos 18 – Mercantil Financeiro 20 – Banco Paraná	1 – ABC Brasil 2 – Alfa Financeiro 3 – Alfa Investimentos 4 – Amazônia 5 – Banese 6 – Banestes 7 – Banpará 8 – Banrisul 9 – BIC Banco 10 – Bradesco 11 – Banco do Brasil 12 – BRB Banco 15 – Indusval 16 – Itaú/Unibanco 17 – Mercantil do Brasil 19 – Nord Brasil 21 – Pine 22 – Santander

Fonte: Autores, 2013.

As variáveis que mais contribuíram para a formação dos grupos foram: endividamento sobre o Ativo ($p < 0,001$), endividamento sobre o Patrimônio Líquido ($p < 0,01$), margem líquida ($p < 0,01$) e rentabilidade sobre o Ativo ($p < 0,001$). O giro sobre o Patrimônio Líquido também contribuiu, embora de maneira menos expressiva ($p < 0,05$).

Da mesma forma como nos anos anteriores, o grupo 1 se caracteriza por apresentar os bancos que contêm os menores índices de endividamento e, embora contenha o menor giro do patrimônio líquido, não concentra só neste grupo os valores mais baixos para este indicador. A Tabela 3 demonstra os valores dos grupos.

Tabela 3: Valores dos indicadores apurados para os Agrupamentos de 2011.

Estrutura							
Clusters 2012		EX/AT*		EX/PL*		AF/PL	
		%	Var./Mediana	%	Var./Mediana	%	Var./Mediana
1	N	4		4		4	
	Mediana	74,5		300,8		0,7	
	Amplitude	54,1		430,0		6,0	
	Mínimo	28,3	-62,0%	39,5	-86,9%	0,1	-91,7%
	Máximo	82,4	10,6%	469,5	56,1%	6,0	737,5%
2	N	18		18		18	
	Mediana	89,3		836,6		6,5	
	Amplitude	13,4		1153,9		27,7	
	Mínimo	80,6	-9,7%	416,3	-50,2%	0,4	-94,6%
	Máximo	94,0	5,2%	1570,1	87,7%	28,0	333,3%

Rentabilidade													
Clusters 2012		G_AT		G_PL **		MB		ML *		RE_AT *		RE_PL	
		n	Var./ Mediana	n	Var./ Mediana	%	Var./ Mediana	%	Var./ Mediana	%	Var./ Mediana	%	Var./ Mediana
1	N	4		4		4		4		4		4	
	Mediana	0,2		0,5		59,9		21,1		3,7		14,0	
	Amplitude	0,1		0,7		25,5		13,8		2,3		10,3	
	Mínimo	0,1	-31,3%	0,3	-39,8%	41,2	-31,3%	17,0	-19,4%	2,4	-34,8%	6,7	-51,7%
	Máximo	0,2	43,8%	1,0	88,3%	66,6	11,2%	30,8	46,1%	4,7	26,2%	17,0	22,0%
2	N	18		18		18		18		18		18	
	Mediana	0,1		1,2		48,0		13,0		1,5		16,3	
	Amplitude	0,1		2,6		69,9		25,9		3,4		31,4	
	Mínimo	0,1	-41,7%	0,5	-61,5%	2,5	-94,9%	0,3	-97,5%	0,1	-96,6%	0,4	-97,9%
	Máximo	0,2	50,0%	3,1	157,7%	72,3	50,6%	26,3	101,9%	3,5	133,0%	31,8	94,6%
* Significativo p < 0,01													
** Significativo p < 0,05													

Fonte: Autores, 2013.

Os menores índices de endividamento do grupo 1 também ficaram por conta do banco Finansinos (EX/AT = 28,3% e EX/PL = 39,5%), representando uma amplitude de 62,0% abaixo para o indicador EX/AT (Mediana = 74,5%) e de 86,9% abaixo para o indicador EX/PL (Mediana = 300,8%). A maior margem líquida e maior rentabilidade sobre o Ativo entre os bancos também ficaram com um banco do grupo 1, da mesma forma como no ano anterior. O Banparaná obteve uma margem líquida de 30,8%, representando uma amplitude de 46,1% acima do grupo (Mediana = 21,1%) e a rentabilidade sobre o Ativo foi de 4,7%, que embora esteja 26,2% acima do grupo (Mediana = 3,7%), foi o pior desempenho dos três anos analisados.

Os maiores índices de endividamento também se concentram no grupo 2, liderado novamente pelo banco Mercantil do Brasil. O endividamento sobre o Ativo foi de 94,0%, ficando 5,2% acima do grupo (Mediana = 89,3%) e o endividamento medido sobre o Patrimônio Líquido foi de 1.570,1%, 87,7% acima do grupo (Mediana = 836,6%). Assim como no ano anterior, as piores rentabilidades também ficaram por conta do banco Indusval, que apresentou os seguintes índices: margem líquida = 0,3% (97,5% abaixo do grupo, com Mediana = 13,0%); rentabilidade sobre o Ativo = 0,1% (96,6% abaixo do grupo, com Mediana = 1,5%); rentabilidade sobre o Patrimônio Líquido = 0,4% (97,9% abaixo do grupo, com Mediana = 16,3%).

Após analisar os resultados dos agrupamentos dos três anos, é possível perceber a existência de grupos uniformes de bancos. A análise seguinte foi realizada dividindo esses bancos pelo padrão de comportamento observado. Dessa forma, três grupos foram estabelecidos conforme demonstra o Quadro 4.

Quadro 4: Grupos de acordo com o comportamento observado nos 3 anos.

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
14 – Finansinos 18 – Mercantil Financeiro 20 – Banco Paraná	3 – Alfa Investimentos 5 – Banese 6 Banestes 8 – Banrisul 9 – Bic Banco 10 – Bradesco 11 – Banco do Brasil 12 – BRB Banco 15 – Indusval 16 – Itaú/Unibanco 17 – Mercantil do Brasil 19 – Nord Brasil 21 – Pine	1 – ABC Brasil 2 – Alfa Financeiro 4 – Amazônia 7 – Banparaná 13 – Daycoval 22 – Santander

Fonte: Autores, 2013.

O grupo 1 foi formado pelos bancos Finansinos, Mercantil do Brasil e Banco Paraná. Estes três bancos sempre se mantiveram no grupo 1 ao longo dos três anos analisados anteriormente. Da mesma forma, o grupo 2 foi formado pelos bancos que sempre estiveram no grupo 2 nos três anos estudados. O grupo 3, no entanto, foi formado pelos bancos que transitaram aleatoriamente entre os grupos 1 e 2.

A análise seguinte faz um comparativo entre as medianas de cada um dos indicadores, cujas diferenças entre elas tenham sido significativas. Essas medianas foram calculadas pelos seus valores globais abrangendo os três anos da amostra. Para tanto, primeiro foi realizado um teste de diferença entre as medianas e só foram considerados significativos os valores para $p < 0,01$. A Tabela 4 apresenta os resultados.

Tabela 4: Grupos de bancos de acordo com os padrões.

Estrutura							
Grupos Bancários		EX/AT*		EX/PL*		AF/PL	
		%	Var./ Mediana	%	Var./ Mediana	%	Var./ Mediana
1	N	9		9		9	
	Mediana	61,3		158,5		1,2	
	Amplitude	53,7		326,6		7,6	
	Mínimo	24,5	-60,0%	32,5	-79,5%	0,1	-94,9%
	Máximo	78,2	27,6%	359,1	126,6%	7,6	544,9%
2	N	39		39		39	
	Mediana	90,8		987,2		7,1	
	Amplitude	9,4		1138,8		29,0	
	Mínimo	85,1	-6,2%	572,4	-42,0%	0,3	-95,5%
	Máximo	94,5	4,1%	1711,2	73,3%	29,3	314,6%
3	N	18		18		18	
	Mediana	82,7		477,5		3,5	
	Amplitude	11,6		450,4		14,2	
	Mínimo	77,2	-6,7%	337,6	-29,3%	0,4	-89,8%
	Máximo	88,7	7,3%	788,0	65,0%	14,6	313,0%

Rentabilidade													
Grupos Bancários		G_AT		G_PL*		MB*		ML*		RE_AT*		RE_PL	
		n	Var./ Mediana	n	Var./ Mediana	%	Var./ Mediana	%	Var./ Mediana	%	Var./ Mediana	%	Var./ Mediana
1	N	9		9		9		9		9		9	
	Mediana	0,2		0,5		56,1		21,9		3,8		11,3	
	Amplitude	0,2		0,2		33,1		59,8		8,7		34,0	
	Mínimo	0,1	-38,9%	0,3	-34,0%	47,5	-15,4%	7,3	-66,8%	1,8	-53,4%	2,4	-78,8%
	Máximo	0,3	44,4%	0,5	10,6%	80,6	43,6%	67,0	206,5%	10,5	174,6%	36,4	221,3%
2	N	39		39		39		39		39		39	
	Mediana	0,1		1,3		41,9		12,9		1,5		16,8	
	Amplitude	0,1		3,1		69,9		30,3		4,1		43,3	
	Mínimo	0,1	-41,7%	0,6	-56,0%	2,5	-94,2%	-4,1	-131,4%	-0,7	-148,0%	-5,7	-133,9%
	Máximo	0,2	66,7%	3,7	174,6%	72,3	72,5%	26,3	103,6%	3,4	131,1%	37,7	124,8%
3	N	18		18		18		18		18		18	
	Mediana	0,1		0,8		48,1		17,1		2,0		13,8	
	Amplitude	0,1		1,2		44,3		14,8		3,8		34,2	
	Mínimo	0,1	-30,8%	0,4	-47,2%	29,4	-38,9%	8,1	-52,9%	0,8	-60,1%	3,9	-71,6%
	Máximo	0,2	53,8%	1,6	102,5%	73,8	53,2%	22,9	33,6%	4,6	127,4%	38,2	176,0%

* Significativo $p < 0,01$

Fonte: Autores, 2013.

Para o grupo 1 o menor índice de endividamento sobre o ativo foi de 24,5% observado para o Banco Finansinos. Este valor foi atingido no ano de 2011 e representa uma diferença de 60,0% em relação ao grupo (Mediana = 61,3). O valor máximo atingido para esse indicador no grupo 1 foi de 78,2%, alcançado pelo banco Mercantil Financeiro em 2012, um resultado 27,6% superior à mediana do grupo. No grupo 2, o valor máximo atingido para o indicador endividamento sobre o ativo foi de 94,5% atingido pelo banco Mercantil do Brasil em 2011 e o mínimo foi observado em 2012 pelo banco Indusval. Esses valores situam-se 4,1% acima e 6,2% abaixo, respectivamente, em relação ao grupo 2 (Mediana = 90,8%).

Já com relação ao endividamento sobre o patrimônio líquido, o menor valor apurado no grupo 1 foi de 32,5% obtido pelo banco Finansinos em 2011 e o máximo foi de 359,1% registrado pelo banco Mercantil Financeiro em 2012. Esses valores são, respectivamente, 79,5% abaixo e 126,6% acima do grupo (Mediana = 158,5%). No grupo dos mais endividados, o grupo 2, o maior valor foi de 1.711,2% apurado pelo banco Mercantil do Brasil em 2011, e o menor foi de 572,4%, também do banco Indusval obtido em 2012. Esses valores estão 73,3% acima e 42% abaixo do grupo 2 (Mediana = 987,2).

Com relação ao grupo 1, o menor valor apurado para o giro do patrimônio líquido foi registrado pelo banco Finansinos em 2012 (0,3 vezes) e o maior foi o do banco Paraná (0,5 vezes), também obtido em 2012, estando, respectivamente, 34,0% abaixo e 10,6% acima do grupo (Mediana = 0,5). Quanto ao grupo 2, o menor giro do patrimônio líquido foi de 0,6 obtido pelo

banco Pine em 2012 e o maior valor foi de 3,7 registrado pelo banco Mercantil do Brasil em 2011, respectivamente 56,0% abaixo e 174,6% da mediana do grupo, que foi de 1,3.

Com relação ao grupo 1 para o indicador margem bruta, constata-se que o menor valor foi registrado pelo banco Paraná em 2011 (47,5%) e o maior pelo Banco Finansinos, também obtido em 2011 (80,6%). Esses valores são 15,4% abaixo e 43,6% acima do grupo, respectivamente, cuja mediana foi de 56,1%. Embora o banco Finansinos tenha obtido a maior margem bruta, percebe-se que a maior margem líquida (67,0%) e maior rentabilidade sobre o ativo (10,5%) foi observado pelo banco Paraná no ano 2011. A margem líquida foi 206,5% acima do grupo (Mediana = 21,9%) e a rentabilidade sobre o ativo ficou 174,6% acima do grupo (Mediana = 3,8%). O banco Finansinos ficou no ano 2010 com a menor margem líquida (7,3%, 66,8% abaixo do grupo), e com o menor retorno sobre o ativo (1,8%, 53,4% abaixo do grupo).

Para o grupo 2, a menor margem bruta ficou por conta do banco Indusval em 2012 (2,5%) e a maior foi registrada pelo banco BRB, também em 2012. Esses valores são, respectivamente, 94,2% abaixo e 72,5% acima da mediana do grupo (41,9%). O banco Indusval também registrou a menor margem líquida (-4,1%) e a menor rentabilidade sobre o ativo (-0,7%) no ano 2011. Esses valores estão 131,4% e 148,0%, respectivamente abaixo da mediana do grupo (12,9% e 1,5%, respectivamente). A maior margem líquida ficou por conta do banco Pine em 2012 (26,3%, 103,6% acima do grupo) e a maior rentabilidade sobre o ativo ficou com o banco Banese em 2011 (3,4%, 131,1% acima do grupo).

Observa-se também na Tabela 4 que todos os valores do grupo 3 não representaram nenhum extremo, por essa razão optou-se em não descrever seus resultados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De posse do propósito de identificar a existência de grupos estratégicos entre os bancos brasileiros, por meio de indicadores contábeis de desempenho econômico-financeiro com emprego da análise de agrupamentos. Utilizou-se de uma amostra final representada por 22 bancos, cujos indicadores foram extraídos da base de dados Economática para o período de 2010 a 2012. Os indicadores utilizados dividem-se em dois grupos: estrutura de capital e rentabilidade. Os indicadores de estrutura de capital são: 1) endividamento geral medido sobre o ativo total – EX/AT; 2) endividamento geral medido sobre o patrimônio líquido – EX/PL; e, 3) grau de imobilização do capital próprio – AF/PL, medido pelo valor do ativo fixo sobre o patrimônio líquido; e os de rentabilidade são: 4) giro do ativo – G_AT; 5) giro do patrimônio líquido – G_PL; 6) margem bruta – MB; 7) margem líquida – ML; 8) rentabilidade do ativo – RE_AT; e, 9) rentabilidade do patrimônio líquido – RE_PL.

Os agrupamentos foram realizados em duas etapas: primeiro pelo método hierárquico, como técnica exploratória por não se saber de antemão a quantidade de *clusters* existentes; na sequência, o agrupamento final foi realizado pelo método não hierárquico. Para todos os anos detectou-se a existência de dois *clusters*. Em todos os grupos analisados, o grupo 1 foi formado pelos bancos que continham o menor índice de endividamento e o grupo 2 pelos bancos mais endividados.

Após analisar os resultados dos agrupamentos dos três anos, foi possível perceber a existência de grupos uniformes de bancos por sempre pertencerem ao mesmo grupo em todos os anos. Dessa forma, uma nova análise foi feita dividindo esses bancos pelo padrão de comportamento observado, por meio da análise das medianas e seus valores máximos e mínimos, evidenciando, em geral, um comportamento linear de grande parte dos bancos da amostra, cuja variabilidade de grupos se apresenta raramente, demonstrando uma similaridade constante entre as organizações em seus indicadores econômicos e financeiros.

Por fim, o presente trabalho restringe-se a uma análise meramente descritiva dos casos, não se possibilitando compreender as causas de tais variações nos seus desempenhos econômico-financeiros e suas variações ao longo do tempo. Esse fato por si só, constitui a principal limitação do estudo. Assim, sugere-se que este trabalho seja continuado, buscando compreender esses fenômenos aqui apresentados.

6. REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

AZEREDO, A. J.; SOUZA, M. A.; MACHADO, D. G. Desempenho econômico-financeiro de indústrias calçadistas brasileiras: uma análise do período de 2000 a 2006. **Revista de Contabilidade e Organizações**, v. 3, n. 6, p. 117-142, maio / ago. 2009.

BARNEY, J. B. **Gaining and sustaining competitive advantage**. Upper Saddle River: Prentice Hall, 2001.

BANCO ABC BRASIL. Disponível em: < <http://ri.abcbrasil.com.br>>. Acesso em: 14 out. 2013.

BANCO FINANSINOS. Disponível em:< <http://www.finansinos.com.br/852.html>>. Acesso em 14 out. 2013.

COOL, K.; SCHENDEL, D. Performance differences among strategic group members. **Strategic Management Journal**, v. 9, n. 3 pp. 207-233, 1998.

CRUZ, J. A. W.; ANDRICH, E. G.; MUGNAINI, A. **Análise de Demonstrações Financeiras**. 3. Ed. Curitiba: Editora Juruá, 2012.

FÁVERO, L. P.; BELFIORE, P.; DA SILVA, F. L.; CHAN, B. L. **Análise de Dados**: modelagem multivariada para tomada de decisões. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

FIEGENBAUM, A., THOMAS, H. Industry and strategic group dynamics: competitive strategy in the insurance industry. **Journal of Management Studies**, v. 30, n.1, 69-105, 1993.

FORTUNA, E. **Mercado Financeiro**: Produtos e Serviços. 17. ed. Rio de Janeiro: Quality-mark, 2008.

GHEMAWAT, Pankaj. Competition and business strategy in historical perspective. **Business History Review**. v. 76. 2002.

GLUCK, Frederick W. A fresh look at strategic management. **Journal of Business Strategy**. n. 6. 1986.

GROPPELLI, A. A.; NIKBAKHT, E. **Administração Financeira**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

MARTINS, T. S.; CRUZ, J.A.W.; KATO, H. T.; VIEIRIA, W. V.; SILVA, E. D. Análise de grupos estratégicos e desempenho na indústria de bancos comerciais no Brasil. **Revista de Contabilidade e Organizações**, v. 4, n. 9, p. 100-125, maio/ago. 2010.

MCGEE, J., and THOMAS, H. Strategic groups: Theory, research and taxonomy. **Strategic Management Journal**. n. 7, p. 141-160, 1986.

PALEPU, Krishna G.; HEALY, P.M. **Business analysis & valuation**: using financial statements. 3. ed. Thomson Learning: USA, 2004.

PORTER, M. E. **Estratégia competitiva**: técnicas para análise de indústria e da concorrência. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980.

PORTER, M.E. The structure within industries and companies' performance. **The Review of Economics and Statistics**, v. 61, n. 2., p. 214-227, May 1979.

REED, E. W.; GILL, E. K. **Bancos Comerciais**. Tradução de Maria Claudia Ribeiro Ratto. São Paulo: Makron Books, 1994.

RUMELT, Richard P. How much does industry matter? **Strategic Management Journal**. v. 12, n. 3. mar., 1991.

TANG, M.; THOMAS, H. The concept of strategic groups: Theoretical construct or analytical convenience. **Managerial and Decision Economics**. n. 13, 1992.